

A Brotéria constitui um caso raro entre nós – o de uma publicação de carácter cultural que perdura há cem anos. Só essa longevidade merece ser sublinhada e saudada. Acontece, porém, que a essa longevidade junta-se uma qualidade ímpar e constante, que a tornou numa referência e num marco.

Jorge Sampaio

A Brotéria marcou o ritmo de uma leitura dos acontecimentos e de uma interpretação da história, conduzidos pelo pensamento cristão. Foi reflexão filosófica, intuição ética, proposta estética, análise literária, não fugindo à interpelação política. Foi espaço de criatividade e de liberdade, evidenciando a importância e a nobreza do pensamento na construção da cidade.

D. José Policarpo

Posso testemunhar quanto a Brotéria tem representado para a cultura portuguesa: uma janela aberta para as mais diversas disciplinas científicas e filosóficas, uma constante exigência de reflexão, uma âncora de serenidade crítica em diálogo com o pensamento contemporâneo.

Jorge Miranda

Porque traduz e fomenta um diálogo dos saberes, a Brotéria desempenhou, desempenha e espero que continue a desempenhar um papel de referência no nosso contexto cultural, em que a actualidade, sendo interrogada, não se esvai pelos meros interstícios da fugacidade.

José Barata-Moura

Que uma revista pode tornar-se um arquivo imprescindível da memória cultural do período histórico em que se faz, prova-o, entre nós, a Brotéria.

José Augusto Mourão

ISBN 972-662-940-3



9 789726 629405

100 anos
Brotéria
Ciência

100 anos
Brotéria
Ciência

Coordenadores

Hermínio Rico

José Eduardo Franco

Prefácio

Eduardo Lourenço

Estudos

J. Pinharanda Gomes

M^{ra} Adelaide Neto Salvado

José Esteves Pereira

João Bigotte Chorão

Marta Mendonça

João Francisco Marques

Francisco A. da Cruz Correia

Henrique Leitão

Arnaldo Espírito Santo

Cassiano Reimão

Sara Marques Pereira

José Barreto

José Carlos Pereira

Paulo de Assunção

M^{ra} Isabel Morán Cabanas

Nuno Estêvão

Miguel Mota

José Luís Garcia

Helena Mateus Jerónimo

Francisco Pires Lopes

Zília Osório de Castro

© Brotéria — Associação Cultural e Científica/Gradiva — Publicações, L.^{da}

Revisão e edição do texto: Brotéria

Capa: Teresa Olazabal Cabral

Fotocomposição: Gradiva

Impressão e acabamento: SIG — Sociedade Industrial Gráfica — Camarate

Reservados os direitos para Portugal por: Gradiva — Publicações, L.^{da}

Rua Almeida e Sousa, 21, r/c, esq. — 1399-041 Lisboa

Telefs. 21 397 40 67/8 — 21 397 13 57 — 21 395 34 70

Fax 21 395 34 71 — Email: gradiva@ip.pt

URL: <http://www.gradiva.pt>

1.^a edição: Dezembro de 2003

Depósito legal n.º 202 848/2003

Visite-nos na Internet
<http://www.gradiva.pt>

Índice

Prefácio — <i>Eduardo Lourenço</i>	9
Introdução geral — <i>Hermínio Rico</i>	13

DEPOIMENTOS

Jorge Sampaio	19
D. José Policarpo	20
Luís Machado de Abreu	21
Luís Filipe Barreto	23
Francisco Sarsfield Cabral	24
Rui Carita	25
João Bigotte Chorão	27
Bento Domingues	29
Francisco Contente Domingues	32
António Ramalho Eanes	33
António Dias Farinha	37
António Matos Ferreira	38
D. Januário Torgal Mendes Ferreira	40
Beatriz Vasconcelos Franzen	41
Manuel Barbosa da Costa Freitas	43
Cristina da Costa Gomes	45
Manuel Saturino Gomes	47
Medina de Gouveia	49
Joseph Abraham Levi	50
Maria de Deus Beites Manso	53
D. António Baltasar Marcelino	55
João Francisco Marques	56
José V. de Pina Martins	58
António Marujo	59
José Manuel de Saldanha Matos	61
Jorge Miranda	62
José Luís de Almeida Monteiro	63
José Barata-Moura	65
José Augusto Mourão	67
José Fernandes Pereira	70
Vítor Feytor Pinto	73
Carlos A. M. Portas	75
Manuel Porto	77

Annabela Rita	78
Maria Helena Carvalho dos Santos	81
Daniel Serrão	83
Manuela Silva	85
Marcelo Rebelo de Sousa	86

HISTÓRIA DA REVISTA *BROTÉRIA**José Eduardo Franco*

1. O nascimento de uma revista em ambiente hostil	89
2. A evolução editorial da <i>Brotéria</i>	103
3. A construção da memória histórica na <i>Brotéria</i>	127

OS DIRECTORES DA *BROTÉRIA**José Eduardo Franco*

Joaquim da Silva Tavares	143
Cândido Mendes	147
Carlos Zimmermann	149
Paulo Durão	151
Afonso Luisier	155
Mariano Pinho	158
Domingos Maurício	160
António Leite	165
José Carvalhaes	168
Luís Archer	171
Manuel Antunes	177
António da Silva	185
Hermínio Rico	188

ESTUDOS

Nas origens da revista <i>Brotéria</i> <i>J. Pinharanda Gomes</i>	193
O Colégio de S. Fiel: centro difusor da Ciência no interior da Beira <i>Maria Adelaide Neto Salvado</i>	211
A <i>Brotéria</i> e o pensamento filosófico português <i>José Esteves Pereira</i>	233
Da «Vida Literária» da <i>Brotéria</i> <i>João Bigotte Chorão</i>	247
<i>Brotéria</i> e a difusão da ciência em Portugal <i>Marta Mendonça</i>	255
Os centenários na <i>Brotéria</i> <i>João Francisco Marques</i>	277
Missões e missiologia na <i>Brotéria</i> <i>Francisco Augusto da Cruz Correia</i>	309

A história da ciência e a revista <i>Brotéria</i> <i>Henrique Leitão</i>	327
Sob o signo do humanismo greco-latino <i>Arnaldo Espírito Santo</i>	351
A <i>Brotéria</i> e a renovação da Filosofia em Portugal <i>Cassiano Reimão</i>	361
A <i>Brotéria</i> — Revista Contemporânea de Cultura no Estado Novo <i>Sara Marques Pereira</i>	389
A <i>Brotéria</i> e Fátima <i>José Barreto</i>	411
A doutrinação estética da <i>Brotéria</i> <i>José Carlos Pereira</i>	421
O Brasil nas páginas da <i>Brotéria</i> <i>Paulo de Assunção</i>	449
A <i>Brotéria</i> : presença espanhola e deambular ibérico <i>Maria Isabel Morán Cabanas</i>	467
A <i>Brotéria</i> e a renovação conciliar <i>Nuno Estêvão</i>	493
A contribuição da <i>Brotéria</i> para o desenvolvimento da Genética <i>Miguel Mota</i>	517
«Exercícios» de ciência e ética na <i>Brotéria</i> <i>José Luís Garcia e Helena Mateus Jerónimo</i>	529
Repercussões do 25 de Abril na redacção da <i>Brotéria</i> <i>Francisco Pires Lopes</i>	539
<i>Brotéria</i> : permanência, continuidade, inovação <i>Zília Osório de Castro</i>	545

«Exercícios» de ciência e ética na *Brotéria**

JOSÉ LUÍS GARCIA
Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

HELENA MATEUS JERÓNIMO
Universidade de Cambridge

Na Companhia da ciência

Quando a *Brotéria* editou o seu primeiro número, a orientação neopositivista e a sua recusa categórica da metafísica e da religião tinham uma presença marcante na filosofia da ciência. No contexto intelectual e político português fazia-se igualmente sentir um clima adverso à ação da Companhia de Jesus. Foi neste ambiente que os jesuítas pretenderam «concorrer para o progresso das ciências naturais em Portugal», tal como se pode ler no prólogo do primeiro volume¹. Preencheram, assim, uma lacuna editorial quanto à oferta de publicações científicas, tornando a revista uma «empresa de comunicação» escrita das investigações realizadas nos seus colégios, especialmente nas áreas da zoologia e da botânica, mas também uma prova de convivência entre fé e ciência.

* Este texto apresenta uma síntese de análises mais desenvolvidas pelos autores e cujo início pode ser situado no estudo de José Luís Garcia, *As Mulheres Telefonam às Cegonhas. Família, Procriação e Bioética no Espaço Público*, dissertação de mestrado, ISCTE, 1995 (em particular, o capítulo 3 dedicado à institucionalização da bioética em Portugal), mais tarde aprofundado em «Tecnologia, providência e progresso. Alguns indicadores doxométricos de biopolítica em Portugal» in J. M. Pais, M. V. Cabral, J. Vala (orgs.), *Religião e Bioética*, Lisboa, Imprensa Ciências Sociais, 2001, pp. 237-302. Helena Jerónimo particularizou esta focagem no estudo sobre a forma como a *Brotéria* se debruçou sobre a bioética e as relações entre ciência e religião entre 1985 e 2000. Esta investigação encontra-se publicada em *Ética e Religião na Sociedade Tecnológica. Os jesuítas portugueses e a revista Brotéria (1985-2000)*, Lisboa, Editorial Notícias, 2002. Na base deste texto, encontra-se a análise de um acervo de artigos publicados, durante a última década e meia do século XX, na Série de Cultura da *Brotéria*.

¹ *Brotéria — Sciencias Naturae* 1 (1902), v.

O interesse pela ciência encontra-se testemunhado por importantes jesuítas-cientistas, tais como os portugueses Manuel de Campos e Bartolomeu de Gusmão, mas também Christopher Clavius, Francesco Grimaldi, Paul Guldin, Athanasius Kircher, Christopher Scheiner, Gregory Saint Vincent, Jérôme Nadal, Matteo Ricci, John Baptist Riccioli, Teilhard de Chardin, entre outros. Mas encontra-se, de igual modo, presente na sua acção no ensino e divulgação da ciência, domínio para o qual muito contribuiu a própria natureza missionária da ordem ao permitir-lhes não só forjar uma rede mundial de colaboração científica, que contribuiu para a exacta descrição geográfica da terra, para o conhecimento da botânica, da zoologia, da linguística, da etnologia, etc., de territórios distantes, como também fomentar o intercâmbio entre as civilizações ocidental e oriental².

Este ideal de «acção» na espiritualidade reflecte um dos traços mais originais dos postulados de Inácio de Loiola, segundo o qual a contemplação individual das verdades eternas da religião deveria ser complementada por uma acção espiritual que as «exercitasse» e as concebesse como «instrumentos de treino». Os seus *Exercícios Espirituais*, ao proporem um itinerário espiritual com base num método escrito de oração com indicações precisas quer para o «orientador», quer para o «exercitante», são frequentemente considerados como um empreendimento revolucionário. O âmbito dos ensinamentos daquele pequeno livro não é, portanto, o de um tratado de teologia ou de espiritualidade, mas o de um manual de acção planificada e orientada com o objectivo de levar o homem «a preparar e dispor a alma, para tirar de si todas as afeições desordenadas e, depois de tiradas, buscar e achar a vontade divina na disposição da sua vida para a salvação da alma»³. Os *Exercícios*, enquanto guia do carácter espiritual em acção, sugerem um outro modo, radicalmente novo e de características antecipadamente modernas, de conceber e realizar a espiritualidade, diferenciando-se do universo da piedade e da contemplação individual como meio de aproximação da alma humana à cognição do divino, propugnada nos tratados medievais. O convite inaciano é, por conseguinte, uma «contemplação na acção», na qual se «experimentam» os aspectos centrais da fé (o pecado, o perdão ou a vocação) e se «contemplam» os mistérios da vida de Cristo, num acto não individual que, com orientação e acompanhamento, permite a cada um identificar e eliminar todos os obstáculos ao seu desenvolvimento integral, de forma a ouvir a mensagem de Deus.

Uma concepção de relacionamento societal do exercício espiritual e um rumo em ordem a capacitar os homens, através da educação do corpo, mente e alma, a procurar o seu lugar no mundo de Deus e numa Igreja de recorte «activista» permitem situar as raízes profundas do encontro entre os jesuítas e a ciência, precisamente numa era em que a civilização moderna se afirmava cada vez mais como científico-técnica. Do mesmo modo, tornam-se perceptíveis as origens do tipo de organização que sustenta a publicação da *Brotéria*, a sua continuidade

² A este respeito, ver Luís Saraiva (coord.), *História das Ciências Matemáticas. Portugal e o Oriente*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000; e *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, Madrid e Roma, Universidad Pontificia Comillas e Institutum Historicum, S.I., 2001, p. 804.

³ *Exercícios Espirituais*, 1.ª anotação. Disponível em <http://www.ppecj.pt/sjdocs.htm>.

e a proeminência científica de muitos jesuítas. Daí que, segundo Jean Lacouture, biógrafo e historiador dos jesuítas, dentro da Igreja Católica, a Companhia de Jesus fosse a ordem com melhor perfil «para operar a enxertia da investigação científica na teologia»⁴.

A Brotéria: uma revista de influência editada por uma organização missionária

A ideia de «escrever livros úteis para o bem comum»⁵, formulada por Loiola como prioridade para uma instrução moral e cultivo do saber, começou a ganhar contornos ainda no século XVI com o projecto de formar uma espécie de «colégio de escritores» que reunisse teólogos exclusivamente dedicados à edição de obras comuns ou individuais. O processo de institucionalização desses espaços específicos esbarrou, porém, na dificuldade de definição do seu estatuto jurídico, sobretudo em matéria de pobreza, pelo que só é concretizado no século XX com a decisão de estabelecer casas independentes de escritores, responsáveis por assegurar a sua sobrevivência através dos trabalhos realizados e de esmolas. A tal concretização, não terão sido indiferentes as experiências de alguns grupos dedicados à evangelização pela palavra escrita, tais como os hagiógrafos bolandistas da casa professa de Amberes, ou os teólogos do colégio parisiense Louis-le-Grand, que publicaram a revista *Mémoires de Trévoux* ao longo de quase todo o século XVIII. Mas, o acontecimento mais marcante terá sido a fundação de *La Civiltà Cattolica*, em 1850. Inicialmente designada por «casa de escritores», Pio IX acaba por instituí-la como «colégio de escritores», em 1866, de forma a dotá-la das leis e privilégios de outros colégios da Companhia e assegurar, no mesmo passo, a estabilidade da revista. A partir de então, muitas outras surgiram em diferentes países: *Études* (1856), *The Month* e *Stimmen aus Maria-Laach* (1864), *Studien* (1868), *Razón y Fe* (1901), *Brotéria* (1902), etc.⁶

As «casas de escritores» cumprem, deste modo, uma das actividades da Companhia de Jesus, a que as *Constituições* se referem como «apostolado intelectual». Tal como os apóstolos aceitaram a missão dada por Jesus para propagar o Evangelho, assim os jesuítas assumem este compromisso, necessário para «auxiliar a Igreja a compreender melhor o mundo moderno e a anunciar mais adequadamente a palavra da salvação»⁷. Em Portugal, só existe uma casa com essa importante incumbência, fundada nos anos 30 do século XX, e que esteve sempre ligada à revista *Brotéria*, sendo, por isso, mais conhecida por «centro Brotéria» do que por Casa de Escritores de São Roberto Belarmino da Província Portuguesa da Companhia de Jesus, a sua designação institucional. Aí vivem hoje menos de

⁴ Jean Lacouture, *Os Jesuítas*, vol. II, Lisboa, Estampa, 1993, p. 263.

⁵ Companhia de Jesus, *Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares*, Cúria Provincial, Braga, Livraria A.I., 1997, art.º 653.º, p. 169.

⁶ *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús*, 2001, pp. 681-682.

⁷ Companhia de Jesus, *op. cit.*, 1997, art.º 293.º

uma dezena de jesuítas que, pela sua formação académica e profissional, foram considerados, pelo Superior Provincial, os mais indicados ao «ofício de escritor».

As características singulares desta casa associam-na ao que a sociologia designa por «organização missionária». O conceito de «missão» é, aliás, recorrentemente apropriado pelas teorias organizacionais para descrever entidades que possuem traços opostos aos do sector lucrativo, nomeadamente ao nível dos seus propósitos, «resultados» esperados, estratégias adoptadas, recolha de fundos e empenhamento dos seus membros⁸. Em termos gerais, este tipo de configuração estrutural tem por base uma forte ideologia, ou seja, um conjunto de valores e crenças partilhado por todos os membros e que funciona como um «poder unificador» capaz de envolver e mobilizar os indivíduos em redor de uma missão⁹. A coesão entre os membros é de tal modo forte que parecem «comportar-se como se conhecessem um bom segredo que não partilharão com mais ninguém, salvo raros eleitos»¹⁰.

O «poder unificador» da Companhia de Jesus baseia-se no cristianismo e nas *Constituições* de Inácio de Loiola. O reconhecimento e a adesão espiritual ao mesmo conjunto de valores, princípios e regulamentos são consolidados no decorrer de um longo percurso de formação, aprendizagem e socialização. O sucesso dessa *caminhada de integração* constitui a maior garantia de que todos trabalham voluntariamente na propagação da fé e expansão da Igreja, com uma dedicação, lealdade e devoção totais. O voto de obediência define-se, neste contexto, como a legitimação de um poder ao qual todos aderem de livre vontade porque sentem uma forte propensão para cooperar uns com os outros e com os seus superiores. Esse compromisso, aliado à consciência de participar colectivamente em objectivos comuns é, por si só, suficiente para a realização pessoal daqueles que pertencem às organizações missionárias.

As organizações missionárias são também atravessadas por uma lógica burocrática, ainda que numa vertente específica. Ao invés de se basear na estandardização dos procedimentos de trabalho, este tipo «normativo» de burocracia define como fundamento básico a estandardização das normas, dos valores e a previsibilidade dos comportamentos. Assim, «o poder repousa sob a ideologia e não sob a autoridade, sob as crenças e não sob as posições»¹¹. Na verdade, o quadro das relações entre casa de escritores, Companhia de Jesus e Igreja Católica revela a existência de uma estrutura hierárquica bem definida: os jesuítas que vivem na casa de escritores devem obediência ao Superior desse mesmo espaço, o qual, por sua vez, obedece ao Superior Provincial e este ao Superior-Geral que representa a Companhia perante João Paulo II. Tal hierar-

⁸ Ver, a este respeito, o conceito de «organizações não lucrativas» de Peter Drucker, *As Organizações sem Fins Lucrativos*, Lisboa, Difusão Cultural, 1993. Ver também o de «associação» de Claude Rochet, *Management das Associações*, Lisboa, Piaget, 1995.

⁹ Henry Mintzberg, *Le pouvoir dans les Organisations*, Paris, Éditions d'Organisation, 1986; *Le Management. Voyage au Centre des Organisations*, Paris, Éditions d'Organisation, 1990.

¹⁰ Clark cit. in Mintzberg, *op. cit.*, 1986, p. 486.

¹¹ Mintzberg, *op. cit.*, 1986, p. 489.

quia não se baseia, porém, em critérios restritos de autoridade, nem a liderança é vista como a imposição de uma orientação, já que toda a estrutura é concebida como necessária e profícua à expansão, aperfeiçoamento e protecção de um pensamento comum.

No âmbito deste tipo de burocracia normativa, as actividades desenvolvidas são conformes a um conjunto padronizado de normas e crenças, cuja adequação encontra um suporte de confiança no longo processo de doutrinação e socialização, também ele uniformizado. Daí que a coordenação e o controlo dessas acções, que noutro tipo de organizações são geralmente atribuídos a uma estrutura formal de supervisão, possam ser individualmente delegados a cada religioso, pelo que o poder que detém decorre da ampla autonomia e da iniciativa individual que podem imprimir às suas acções. O «espírito de missão» que configura as organizações missionárias torna-as também relativamente pouco sensíveis à influência externa, possuindo, para o efeito, uma espécie de auréola de protecção que reflecte qualquer potencial influxo. No sentido inverso, porém, estas organizações procuram influir o ambiente que as rodeia «impondo» a sua missão. Podem inclusivamente obter a cooperação de agentes detentores de influência externa, para que funcionem como suporte exterior da missão¹². De forma evidente, a linearidade deste fluxo de influências só é possível no modelo teórico da organização missionária.

É neste quadro organizacional peculiar que deve ser incluída a acção da *Brotéria*. Esta revista deve ser caracterizada como um projecto comunicacional definido pelo *exercício de influência* em detrimento da procura de um espectro alargado de audiência. Sendo editada e coordenada por um pequeno núcleo de religiosos que, na qualidade de «apóstolos intelectuais», vive na designada «casa de escritores jesuítas», a *Brotéria* constitui-se como um organizador colectivo da acção e de alguns dos propósitos centrais desta ordem religiosa. A revista permite concretizar os seus objectivos apologéticos e de diálogo com outras áreas do saber, incluindo a ciência, cumprindo a sua «missão» através de um meio escrito e, por assim dizer, «portátil». Em termos da sua relação com o exterior, dirige-se a um público científico, cultural e dos meios académicos, que irradia inúmeras ramificações. O facto de o pequeno grupo editor da *Brotéria* ser coadjuvado por figuras proeminentes da esfera pública e especialistas de diferentes áreas do conhecimento, que integram o conselho redactorial, ajuda a estender a reflexão proposta pela revista aos meios universitários, médicos e institucionais. A tal circunstância não será alheia a especificidade de a organização jesuíta não estar baseada numa vida monástica, entendida como comunidade (no sentido da *Gemeinschaft* de Tönnies), e sim num tipo contratual ou societal (*Gesellschaft*), que requer um meio de referência de apoio à sua actividade de simbolização no universo científico e ético. Neste sentido, a acção exterior e interior estão ditadas por uma dinâmica baseada na reversibilidade.

Ao longo do século, no que diz respeito ao domínio da ciência, denotam-se várias direcionalidades temáticas na *Brotéria*. Até meados do século, focaliza-se sobretudo em posições de crítica à materialidade do mundo e à matematização

¹² Mintzberg, *op. cit.*, 1986, pp. 495-496.

da ciência, referindo-se à teoria evolucionista, no primeiro caso, e à física, no segundo. Dos anos 50 em diante, desenvolve progressivamente uma nova atitude intelectual e ideológica relativamente à ciência. Numa obra recente sobre a filosofia da ciência em Portugal, este último período da revista é caracterizado pela sua «postura informada e dialogante, filosófica e cientificamente», que abandona o tom dogmático, típico do período anterior, sem deixar de afirmar o ideário católico. Em cada uma destas etapas, os interesses e assuntos debatidos são também eles circunstanciais. Se a física e a biologia são as ciências mais merecedoras de artigos no primeiro período, no segundo destaca-se a preocupação pouco constante com a filosofia da ciência e o seu enquadramento moral¹³.

Na última década e meia, num período que coincide com a direcção de Luís Archer, a principal orientação temática da linha editorial da revista situa-se no âmbito disciplinar designado por bioética. Para além deste campo de discursos, práticas e preocupações acerca das dimensões éticas suscitadas pelas implicações da inovação científica e tecnológica, concentra também a sua atenção nas relações entre a ciência e a fé cristã. Apresenta-se, em seguida, o sentido da influência irradiada pela *Brotéria* em temas de tão grande relevância.

A Brotéria no campo da bioética e em defesa de uma consonância hipotética entre ciência e religião

A reflexão sobre os cruciais avanços técnico-científicos, que estão a impelir reestruturações de enorme alcance no próprio universo tecnológico, na sociedade e na vida, tem lugar na *Brotéria* a partir do recente campo disciplinar conhecido por bioética. Na medida em que a bioética tem também uma vocação de pronunciamento, a problematização apresentada na revista tem uma forte componente de acção. Esta acção está simbolizada — e mais que simbolizada — na multiplicidade de papéis desempenhados pelo director da *Brotéria* durante a última década e meia. Luís Archer acumulou em si os atributos de pioneiro da genética em Portugal, representante de uma das correntes nacionais de bioética, co-organizador de uma das mais importantes enciclopédias desta área¹⁴, influente membro e presidente do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida (CNECV), e, finalmente, uma das vozes mais presentes nos *mass media* em discussões sobre as ciências da vida.

O acolhimento da proposta da bioética não se distingue pela permeabilidade a outros modos de equacionamento sobre o desenvolvimento técnico-científico e sobretudo a aproximações éticas de grande importância, até na sua possível ligação com a teologia, como a do «agir comunicacional» de Jürgen Habermas, as propostas de Tristram Engelhardt e de Alasdair MacIntyre, sem esquecer o

¹³ Pedro Calafate (dir.), *História do Pensamento Filosófico Português. O Século xx*, vol. v, t. 2, Lisboa, Caminho, 2000, pp. 421-524.

¹⁴ Luís Archer, et al. (coords.), *Bioética*, Lisboa, São Paulo, Verbo, 1996.

inegável relevo de enfrentar o novo utilitarismo ético de Peter Singer. Se, num longo período anterior, a *Brotéria* apresentou uma vocação centrada nas humanidades e na filosofia, dando espaço à interpelação de teóricos como Martin Heidegger — um autor fulcral sobre a tecnologia, seja qual for a opinião que se partilhe —, na fase actual de reconstrução tecnológica do mundo, a revista teria muito a ganhar se se abrisse ao debate com o pensamento de Hans Jonas, Gilbert Hottois, Lucien Sève, Ulrich Beck, a corrente norte-americana de filosofia da tecnologia (Andrew Feenberg, Langdon Winner, Albert Borgmann), o movimento ecologista e pensadores portugueses como Hermínio Martins, Fernando Gil, Viriato Soromenho-Marques, entre alguns outros.

A inegável relevância da contribuição para a bioética por parte do círculo de intelectuais, médicos, cientistas e eticistas que têm colaborado com a revista, encontra-se associada a uma prática casuística que, em alguns domínios, teve reflexo em pareceres com sede institucional que necessitariam de uma ancoragem nos problemas de fundo da civilização tecnológica e mercadológica.

As temáticas predominantes na *Brotéria* dizem respeito ao largo campo das ciências da vida e às suas implicações para a natureza, condição e existência humanas. As tecnologias da comunicação e as suas repercussões na informatização do mundo e da vida, na construção de um novo espaço de trocas comunicacionais e constituição da cultura — o chamado ciberespaço — e na globalização, os dilemas ambientais e os direitos dos animais são âmbitos cuja atenção poderia ter tido lugar nas suas páginas. Mas a focalização nos parâmetros essenciais da natureza do homem, como a procriação, a vida, a morte, a dignidade de ambas, no sentido do repúdio da sua manipulação desvirtuadora, constitui uma contribuição inestimável para a defesa de uma condição humana à luz dos valores da tradição clássica e cristã.

A defesa da dignidade e integridade humanas perante as ameaças da sua instrumentalização pela torrente ininterrupta de inovações biotecnológicas e biomédicas, cuja caução se encontra meramente no mercado e nas fantasias experimentalistas de alguns meios científicos (como é o caso da clonagem), direccionou a orientação de um largo conjunto de artigos da *Brotéria*¹⁵. Este enfoque na noção de dignidade humana é realizado em sentido lato, na qualidade de princípio de todas as dignidades e de assumpção do ser humano como fim-em-si e não como meio para outros fins. Tal concepção, independentemente de surgir com uma acentuação antropocêntrica e sem estar associada a um princípio de responsabilidade que poderia talvez evitar acusações de ontolo-

¹⁵ Por exemplo, Luís Archer, «Bioética: avassaladora, porquê?», *Brotéria* 142 (1996), 449-472; «Para uma ética da reprodução humana», *Brotéria* 145 (1997), 218-225; «Transplantações do animal para o Homem», *Brotéria* 146 (1998), 601-604; «O projecto do genoma humano na perspectiva católica», *Brotéria* 147 (1998), 53-66; «Clonagem. Mito e ciência», *Brotéria* 149 (1999), 75-90; Michel Renaud, «A dignidade do ser humano como fundamentação ética dos Direitos do Homem», *Brotéria* 148 (1999), 135-154 e 423-438; Alfredo Dinis, «Responsabilidade moral dos cientistas», *Brotéria* 132 (1991), 335-340; Walter Osswald, «Hello Dolly, Hans Jonas e seis caveats», *Brotéria* 144 (1997), 581-585; Michel Renaud, «Ética e ecologia», *Brotéria* 146 (1998), 65-85.

gização excessiva, estabelece uma fronteira decisiva do que está em causa entre o que é «tecnicamente possível» e o «eticamente aceitável». Mais do que uma afirmação de um posicionamento ético fechado, do que se trata é de uma ideia de homem definido como um ser para quem só a liberdade e o domínio axiológico permitem transformá-lo em pessoa.

Contudo, «nas actuais condições de *laissez innover*»¹⁶ — que parecem envolver o universo das biotecnologias na sua conjugação com as forças do mercado e com a forte dinâmica de realização de tudo o que é tecnologicamente possível —, o resgate da tradição cristã da responsabilidade e do princípio com o mesmo nome, tal como o formulou Hans Jonas¹⁷, é talvez a única forma de lidar com a contingência, a indeterminação e imprevisibilidade dos próprios processos desencadeados pela actividade científica. O cultivo de uma atitude de precaução para a salvaguarda de uma «vida humana genuína» não implica, porém, adoptar uma postura conservadora relativamente a um fenómeno essencialmente indutor de transformações.

O tremendo poder tecnológico contemporâneo, posto em acção num contexto desencantado e reencantado pela ideologia do progresso infinito e onde apenas a eficácia operativa e a utilidade mercantil se mantêm, interpela, de uma forma absolutamente nova, o futuro do homem e da humanidade. A urgência em regular e enfrentar as possíveis incidências das inovações técnico-científicas convoca a necessidade da esfera religiosa e da científica abandonarem os entrenchamentos unilaterais que marcaram excessivamente a história de ambas.

Neste terreno das relações entre ciência e religião, os argumentos a favor de uma *união em complementaridade, cultura integrada e negociação cognitiva*, expressos com saliência na *Brotéria*¹⁸, dão forma à proposta que o teólogo e investigador Ted Peters apelida de *consonância hipotética*¹⁹. Os precedentes posicionamentos de *concordismo, antagonismo e separatismo*, que caracterizaram diversos modelos de relacionamento entre ciência e religião, cedem lugar a uma visão de abrangência recíproca, interacção profícua e respeito mútuo, na qual é posta de lado a vontade de sobreposição ou de dominação²⁰. Esta é uma

¹⁶ Hermínio Martins, «Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da técnica» in *Hegel, Texas e Outros Ensaios de Teoria Social*, Lisboa, Edições Século XXI, 1996, p. 186.

¹⁷ Hans Jonas, *Le Principe Responsabilité. Une Éthique pour la Civilisation Technologique*, Paris, Éditions du Cerf, 1990 [1979].

¹⁸ Em Luís Archer, «Ciência e religião. Uma nova perspectiva», *Brotéria* 135 (1992), 34-45; Artur Morão, «Tensão ou distensão entre ciência e fé religiosa? Reavaliação do problema», *Brotéria* 148 (1999), 391-409; e Alfredo Dinis, «Galileu revisitado», *Brotéria* 136 (1993), 76-86.

¹⁹ Ted Peters, «Science and theology: toward consonance», in Ted Peters (ed.), *Science & Theology. The New Consonance*, Colorado, Westview Press, 1998, pp. 11-39.

²⁰ Algumas tipologias sobre as relações entre ciência e religião podem ser encontradas nas seguintes obras: Ian G. Barbour, *When Science Meets Religion. Enemies, strangers or partners?*, São Francisco, Harper San Francisco, 2000; George V. Coyne, «Evolution and the human person: the Pope in dialogue» in Ted Peters (ed.), *op. cit.*, 1998, pp. 153-161; Willem B. Drees, *Religion, Science and Naturalism*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996; John Haught, *Science and Religion*, New York, Paulist, 1995.

óptica construída a partir do escopo da «distensão» entre os campos religioso e científico, defendida pela nova perspectiva romana de João Paulo II. A inclusão dos saberes e a apologia de uma noção de cultura que articule a especialização e a sabedoria, em ordem a um empreendimento permanente e inacabado de síntese de conhecimentos, é manifestada pela necessidade de uma conversação e acordo negociado entre ciência e religião. Perante a tendência para a divisão do trabalho intelectual e a especialização cada vez mais compartimentada dos vários domínios culturais, a *Brotéria* abre espaço à defesa de perspectivas que recusam imperialismos disciplinares, bem como «rendições» ou «entrenchamentos cognitivos».

O modelo para onde apontam as tendências que encontram lugar na *Brotéria* procura uma harmonia problemática e problematizante entre a tradição do experimentalismo científico e a do *religare* da religião. Este modelo significa um esforço de recusa consequente ao monismo que não cede a uma falsa intenção de pacificação entre aquelas duas esferas à custa de um isolamento ou aniquilamento de uma delas, tal como se apresenta, por exemplo, nos postulados da *teoria das duas linguagens*²¹. A orientação da revista vai, portanto, no sentido de rejeitar o erróneo pressuposto da incomensurabilidade comunicacional entre ciência e religião, defendendo que o preço da possível compatibilização não é o de um afastamento intangível.

Neste referente, contudo, vale a pena estar ciente que qualquer esforço de empreender caminhos de convivência entre fé e razão, por via do modelo de uma hipotética consonância, implica reconhecer que nem todos os paradigmas científicos, nem muitas das mundividências sagradas se prestam, da mesma forma ou com as mesmas possibilidades, a uma articulação fecunda.

Entre o legado antigo de contemplação e de procura da salvação individual e o sentimento moderno que desloca os problemas da existência humana para a organização do colectivo social e vê na ciência um meio de acção com carácter libertador, a *Brotéria*, nos seus cem anos de atribulada edição, construiu um itinerário onde as grandezas e os sobressaltos da cultura e da ciência do século xx nunca deixaram de ter lugar. A adesão, nas décadas finais da viragem do milénio, a uma acção de reformismo moral no plano institucional dos avanços técnicos-científicos relacionados com a vida humana é um sinal indelével do seu perfil enquanto parte integrante da ordem religiosa dos jesuítas e convida à sua interpelação num mundo que não pode ceder a nenhum tipo de maniqueísmo. O seu apelo a uma convivência respeitosa entre religião e ciência e à regulação ética e democrática da tecnologia é um sinal promissor nos tempos sombrios da actualidade.

²¹ Para além da *consonância hipotética*, Ted Peters identifica sete outros tipos de interacção entre ciência e religião: *cientismo, imperialismo científico, autoritarismo eclesial, criacionismo científico* (modelos de confronto), *teoria das duas linguagens, sobreposição ética e nova era espiritual* (modelos de não confronto).